

COMO EU SE FIZ POR SI MESMO

Carmila Oliveira

Palavras-chave: Impasse. Código linguístico. Resistência.

Difícil exprimir o misto de emoções e pensamentos contraditórios que me assaltam, nesta tentativa de avaliar o estágio em andamento numa turma de primeiro ano do ensino médio da escola pública. Para começar, devo dizer que, ao olhar aqueles meninos e meninas, tenho a nítida impressão de que estão tentando “puxar-se pelos próprios cabelos” para escapar do pântano, na célebre expressão do Barão de Munchhausen. E de fato, ao verificar a situação em que se encontram, não é difícil compreender o porquê. Eles vivem num círculo vicioso cuja ruptura depende em grande parte da intervenção de um educador – a qual não é, infelizmente, garantia de sua ruptura plena, tendo em vista as inúmeras variáveis que o compõem. “Puxar-se pelos próprios cabelos” e “fazer-se por si mesmo” são expressões tanto análogas quanto perversas: pressupõem a capacidade de atuar sem contar com nenhuma ajuda externa, mas, ao contrário, atuar numa luta sobre-humana contra os obstáculos externos. É nesse estado de abandono aos próprios recursos – exíguos – e na ideologia meritocrática que se arrastam os alunos. Seu êxito parece depender meramente de esforços individuais; acontece que há toda uma determinação social – dada pelas diferenças que se instalam nas formas de conhecer, sentir, esperar e atuar das pessoas – impedindo a aprendizagem e a mobilidade social de acontecerem de fato. Eis a ironia da frase “como eu se fiz por si mesmo”: alguém tentando fazer-se a si mesmo sem ao menos contar com o apoio do código linguístico – um dos códigos, precisamente, que lhe garantiriam o acesso ao conhecimento e a ascensão social. Na falta dos códigos necessários, os alunos têm minadas suas chances de aprendizagem e de escalada social. Eis o cerne do problema enfrentado na sala de aula de uma escola pública: a falta de capital cultural mínimo, a começar pelo domínio do próprio idioma. É muito difícil filosofar ou mesmo falar da história da filosofia com alunos cujo nível de abstração é praticamente inexistente. Como ensinar, aliás, o que quer que seja sem o domínio da linguagem? Sinto-me diante de um impasse. Por esse motivo principal, os esforços que empreendo têm sido desproporcionais ao aprendizado. Apesar disso, tenho feito um grande esforço para me fazer entender e para cativar o interesse pelas temáticas filosóficas. Minha mente está povoada de perguntas. Que tipo de ensino queremos? De que tipo de ensino viemos? Mas já sei a que respostas quero chegar. Seria mais honesto dizer que a dúvida real reside em ser ou não possível alcançar certos resultados, uma vez tendo respondido às perguntas. Essa possibilidade depende de muitas variáveis, e sinto desânimo ao considerá-las em seu conjunto, em estimar o tempo que tudo isso levará. Mas eis que me assalta nova pergunta: estou mais interessada nos resultados ou no processo? Parece que, para me nutrir da força do processo, tenho que me desapegar dos resultados – pelo menos dos de médio prazo. Isso é resistir, lutar pela educação.

Referências:

ADORNO, Theodor. “Educação e emancipação”. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ARENDT, Hannah. ‘A crise na educação’. In: “Entre o passado e o futuro”. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

RIBEIRO, Darcy. “Nossa escola é uma calamidade”. São Paulo: Salamandra Editora, 1984.

SNEGE, Jamil. “Como eu se fiz por si mesmo”. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994.